

Cunpir denuncia ao Bird não cumprimento de acordos

Uma correspondência da Kanindé - entidade não governamental de defesa etnoambiental - que compõe o fórum das ONGs e movimentos sociais rondonienses, mandou no final do ano passado carta ao representante do Bird (Banco Mundial) no Brasil, Dennis Mahar, denunciando o governo do Estado pelo não cumprimento de compromissos firmados com o próprio banco denunciando impunidade, a infratores e omissão de órgãos fiscalizadores quanto ao meio ambiente e com fiscalização das áreas indígenas.

A correspondência por si só significa um possível entrave na liberação de dinheiro novo para investimento em projetos como o Planaflo. Mas, como se não bastasse, a Cunpir (Coordenação União das Nações e Povos Indígenas de Rondônia, norte do Mato Grosso do Sul e Amazonas), também mandou ao mesmo representante do Bird carta reforçando a situação por que passam as nações indígenas entre as duas regiões - Uru-Eu-Wau-Wau e Nhambikuara.

Pelo que mandou a Kanindé, o dirigente do Banco Mundial tomou conhecimento, diz a coordenadora Ivaneide Cardozo, que "os milhões de metros cúbicos extraídos ilegalmente de terras

indígenas, em cima de caminhões, nos pátios de serrarias, viajando milhares de quilômetros para chegar ao mercado consumidor, passando com ou sem notas fiscais, notas fiscais falsas, quase todas através da BR-364 (barreira fiscal), na saída do Estado, não se justifica, pois não se esconde a madeira em portulucas de um carro".

As denúncias da Cunpir detalha, por exemplo, que as comunidades indígenas sofrem "verdadeiro pesadelo com a investida de madeireiros e garimpeiros. Só na área indígena de Sararé, tem oito mil garimpeiros depredando o meio ambiente, que mesmo sendo retirados no momento pela Polícia Federal e Exército, ameaçam resistir e voltar a invadir a área assim que a operação acabar".

Almir Narayamoga Suruí, coordenador-geral da Cunpir, detalha que a correspondência faz uma séria denúncia ao afirmar que "a audácia dos madeireiros é tanta que no início de novembro passado invadiram a aldeia Sararé, espancaram homens, mulheres e crianças por estarem resistindo às invasões. O líder Nhuambikuara, Américo, teve a sua boca rasgada por madeireiros. As crianças acima de 10 anos de idade são levados pelos ma-

deireiros e garimpeiros para a cidade de Novo Lacerda, onde os mesmos mantêm uma boate, restaurante e dormitório, e ali são prostituídas".

Suruí defende a necessidade urgente de as entidades nacionais e internacionais de defesa dos direitos humanos manifestarem defesa desses povos, "pois o sofrimento é grande e já existe a dizimação de aldeias inteiras, suas terras são destruídas pelas ações selvagens dos políticos, madeireiros, garimpeiros, grileiros e posseiros".

AÇÃO CONJUNTA

A entidade Kanindé, em conjunto com Polícia Federal, Polícia Florestal, Secretaria de Desenvolvimento Ambiental e Funai, fiscalizou várias reservas e unidades de preservação do Estado, detectando, em toda a extensão territorial, violentas agressões de madeireiros contra indígenas e contra a própria preservação ambiental.